



**EXTRAPOLANDO AS CERCAS:  
O SENTIDO DE QUINTAL EM ANDRÉ DO MATO DENTRO,  
SANTA BÁRBARA – MG<sup>1</sup>**

**BEYOND THE FENCES:  
THE MEANING OF BACKYARD IN ANDRÉ DO MATO DENTRO,  
SANTA BÁRBARA - MG**

**EXTRAPOLANDO EL CERCADO:  
EL SIGNIFICADO DE PATIO EN ANDRÉ DO MATO DENTRO,  
SANTA BÁRBARA-MG**

**Vanessa Dias de Araújo**

Mestranda em Geografia pelo Instituto de Geociências (IGC)  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista (NPGEOH-UFMG)  
E-mail: vanessa.d.araujo@hotmail.com

**Virgínia de Lima Palhares**

Professora do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências (IGC)  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista (NPGEOH-UFMG)  
E-mail: palhares.vi@gmail.com

## **RESUMO:**

Este trabalho resulta da admissão do sujeito e objeto enquanto organismo vivo, unitário. Ainda que pareça reducionismo chamar de objeto a Terra e seus personagens - animados e inanimados - cabe aqui concebê-lo enquanto artefato de cobiça, curiosidade e inquietude para o pesquisador. Aqui, o objeto cobiçado admite a forma falhada dos itabiritos – e outrora ondulada sobre dolomitos – da Serra do Gandarela, mais precisamente o André do Mato Dentro, Santa Bárbara-MG. Mesmo inserida no colar metropolitano de Belo Horizonte, ali, a dança das abelhas na época das floradas ainda produz mel; o córrego principal, o Maria Casimira, ainda meandra por entre as casas; morcegos, grilos e sapos ainda orquestram a Missa de domingo. Considerada subalterna pelos olhos da técnica e do capital, a comunidade experimenta ameaças de propagação da lógica capitalista em seu território construído. Buscamos discutir a noção de quintal nesse enredo, e os conceitos de identidade, lugar e imaginação. O movimento elucidativo basilar – exposto pela experiência de campo – consistiu na percepção de que o quintal em André do Mato Dentro extrapola as cercas da morada, da horta e do pomar, para abranger as cristas, os vales, os cursos d'água, as lendas, constituintes do sistema simbólico daquele povoado.

**Palavras-chave:** habitar; imaginário; ser-que-vive; quintal.

---

<sup>1</sup> Texto vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, agenciado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, no projeto intitulado: Organização espacial dos quintais: identidade e memória da comunidade rural de André do Mato Dentro – MG.

**ABSTRACT:**

This paper results from the admission of the subject and object as a living, unitary organism. Although it seems like reductionism to objectify the Earth and its characters - animate and inanimate - it fits here to conceive it as an artefact of greed, curiosity and concern for the researcher. Here, the coveted object assumes the failed form of the itabirites - and sometimes formed in a wave shape form on the dolomites - of the Serra do Gandarela, more precisely the André do Mato Dentro, Santa Bárbara-MG. Although it's inserted in Belo Horizonte's metropolitan zone, there, the dance of the bees in the flowering time still produces honey; the main stream, Maria Casimira, still meanders through the houses; bats, crickets and frogs still orchestrate the Sunday Mass. Considered subaltern by the technique's and capital's eyes, the community experiences threats of propagation of the capitalist logic in their built territory. We seek to discuss the notion of yard in this plot, and the concepts of identity, place, and imagination. The basic elucidative movement - exposed by the field experience - consisted in the perception that the yard in André do Mato Dentro extrapolates the fences of the dwelling, of the garden and of the orchard, to embrace the crests, the valleys, the watercourses, the legends, constituents of that folk's symbolic system.

**Keywords:** to habit; imaginary; being-that-lives; yard.

**RESUMEN:**

Este trabajo resulta de la admisión del sujeto y objeto como organismo viviente y unitario. Aunque pueda parecer un reduccionismo llamar de objeto a la Tierra y sus personajes - animados e inanimados - cabe concebirlo como un artefacto de avaricia, curiosidad e inquietud para el investigador. Aquí, el objeto codiciado admite la forma fallida de los itabiritos - y en el pasado ondulada sobre dolomitas - de la Sierra de Gandarela, específicamente de André de Mato Dentro, Santa Bárbara - MG. Introducida en la zona metropolitana de Belo Horizonte, la danza de las abejas en las floradas todavía produce miel; el arroyo principal, María Casimira, divaga entre las casas, murciélagos, grillos y sapos todavía orquestan la misa del domingo. Considerada subalterna por los ojos de la técnica y del capital, la comunidad experimenta amenazas de propagación de la lógica capitalista en su territorio construido. Buscamos discutir sobre la noción del patio en esa trama, y los conceptos de identidad, lugar e imaginación. El movimiento elucidativo basilar - expuesto por la experiencia de campo - consistió en la percepción que el patio de André de Mato extrapola el cercado de la morada, del jardín y de la huerta, para abrazar la cimas, los valles, los cursos del agua, las leyendas, constituyentes del sistema simbólico de aquel poblado.

**Palabras clave:** habitar; imaginario; ser-que-vive; patio.

**1 O DESPERTAR DA INTENÇÃO**

“Ainda não me acostumei com o barulho do córrego. Às vezes acordo e acho que tá chovendo”.  
O menino de 40 anos.

“Olha esse vento, sente só, olha (abrindo os braços)”.  
A catadora de musgo.

A novidade da imagem! O impulso involuntário do verso! Evocando Bachelard (1989), como é possível um *ser-que-mora* tão habituado aos barulhos e cheiros do *lugar*<sup>2</sup> ainda se distrair, ainda mostrar estranhamento e contemplação imediata frente a uma forma tão comum à paisagem local – o córrego? Ou ainda, como deixar-se abrir (por meio dos braços) para o vento-de-todo-dia?

<sup>2</sup> Nesse caso, o *lugar* admite a concepção de “ponto de significância” conforme Tuan (1983).



Achar o vento encorpado, suave, importante – querer apalpar, agradecer. “As coisas muito claras me noturnam” (BARROS, 2001, p. 32). Descobrimos em André do Mato Dentro poetas e crianças maiores de sete anos; (re) descobrimos o barulho da água, o comer-direto-no-pé, o andar descalço, o medo/amor de/por montanhas e buracos em barrancos.

No Google Earth, André do Mato Dentro é um povoado, um ponto no mapa de Minas Gerais, mais precisamente no município de Santa Bárbara, franja metropolitana de Belo Horizonte. Mas, para mim, e para os moradores poetas-crianças de lá (ousou dizer), André do Mato Dentro (Figura 1) é casa, rio e montanha; é abelha que faz mel na florada, suco de erva cidreira de manhã, cruz ao lado da igreja e musgo entremeado em campo rupestre nas cristas da Serra.

**Figura 1:** A comunidade de André do Mato Dentro: percepção e imaginação.



**Fonte:** ARAÚJO, V. D. de, 2016

No que diz respeito a essa realidade nada clara, nada noturna, Ernst Cassirer (1994) eleva a experiência e o universo particular de cada indivíduo como responsável pelas várias cores e teias da realidade humana. A diversidade da realidade repousaria sua razão de ser na diversidade das

*peças-mundo* – cada organismo da realidade seria um ser monádico<sup>3</sup>. “Tem um mundo só seu porque tem uma experiência só sua” (CASSIRER, 1994, p. 46).

Tomando como exemplo a teoria do “Círculo Funcional Animal”, do biólogo e empirista Johannes Von Uexküll, Cassirer (1994) chama a atenção para a especificidade do homem em relação aos outros animais. No domínio das reações orgânicas, os demais animais possuem um sistema receptor de fluxos externos e um sistema efetuator [responsável por elaborar respostas instintivas e imediatas], cujo equilíbrio de ambos permite a sobrevivência do organismo. Os dois sistemas estão vinculados e constituem o Círculo Funcional.

O homem, por outro lado, entre o sistema receptor e o efetuator, admite o *sistema simbólico* - a resposta aos fluxos externos ocorre de maneira diferente da dos demais animais - “é interrompida e retardada por um lento e complicado processo de pensamento” (CASSIRER, 1994, p. 48). A teoria do Círculo Funcional Animal atribui o comportamento do animal, em grande parte, à sua anatomia. No caso do homem, entretanto, a anatomia do corpo se confunde com a anatomia do próprio *ser*; aqui, a realidade simbólica forma uma nova topografia. Como na poesia infantil de Barros (2011), a topografia das palavras se confunde com o contorno das imagens. Em suma, é a capacidade de transcender o real que particulariza a espécie humana frente aos outros animais; encontrar no campo simbólico-imaginativo os contornos da existência.

Nesse aspecto, a figura do homem enquanto *animal rationale* torna-se incapaz de explicar determinados fenômenos, lugares e pessoas. A ciência e a tecnologia são baseadas, *à priori*, em ideias e hipóteses, mas as ideias e hipóteses nada mais são que nomes “racionalizados” para a rainha das faculdades: a *imaginação*. “A modernidade é a imersão cada vez mais profunda na matéria, é a atrofia do espírito e a perda coletiva da rainha das faculdades, a imaginação” (MATOS, 2010, p. 158).

Cassirer esclarece, na *Filosofia das Formas Simbólicas* (2004), que é melhor definir a pessoa humana como *animal symbolicum* quando estabelece sua relação com o mundo do que como *animal rationale*. Esta relação com o mundo é mediada por um sistema de signos constituído por formas simbólicas, entendidas pelo filósofo como a energia do espírito cujo conteúdo espiritual de significado é vinculado a um signo e lhe é atribuído interiormente.

Temos, no caso específico do Círculo Funcional do homem, os elos receptor e efetuator, acrescidos do elo simbólico. É esse elo que irá distinguir o homem do animal, no qual o primeiro terá a possibilidade de viver qualitativamente em uma nova realidade.

<sup>3</sup> Do Latin *monas*, unidade; do grego *monas*, solitário, sozinho. Para a biologia: organismo pequeno. Para a filosofia: substância simples, criada desde o princípio, inacessível a quanto existe e incorruptível, mas sujeita a evoluções e desenvolvimento até alcançar o intelecto (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa).



Mas, para que servem essas palavras? Servir-me-ão para que? É desse pragmatismo que o princípio utilitarista do “progresso” se nutre e constrói cada bloco de concreto, cada centímetro de pavimento que esconde o marrom da terra e o azul - imaginado - dos rios. Não seria melhor considerarmos a magia da palavra dita, da imagem e da escrita na visão que temos de mundo?

É preciso retomar o demorar-se em uma cadeira ou sofá questionando o movimento das coisas e o movimento de si mesmo. É preciso retomar a contemplação da natureza feita por Humboldt - ao longo de suas viagens - já no final do século XVIII e entender a natureza como um organismo vivo animado por forças internas. Natureza, aqui, apoiada em Alfred North Whitehead quando, na primeira década do século XX dizia que “a natureza é aquilo que observamos pela percepção obtida através dos sentidos” (WHITEHEAD, 1993, p. 7).

Para que servem esses devaneios? Ora, para nada! Um nada belo e platônico. Uma ode à percolação do espírito no pensamento, na angústia, na saudade do que a geração moderna nem chegou a ter: jardins de Epicuro<sup>4</sup> - verdes, meros e inúteis jardins de Epicuro. Ecúmenos como André do Mato Dentro só podem ser compreendidos permeando-se o cerne da idiossincrasia humana – o universo simbólico (alicerçado por Cassirer [1994] em quatro pilares: arte, linguagem, mito e religião). Seria um equívoco, contudo, considerar esses pilares como fenômenos isolados. Diferentes na estrutura e no espaço que ocupam, são semelhantes no material e na força que suportam. Sim, o mundo simbólico está ali, exercendo pressão uniforme em cada um deles, mas é preciso considerar o papel estrutural de cada um.

A arte faz-se por meio da necessidade do *Ser* de externalizar-se – transpor para o mundo palpável o cerne do indivíduo, sua essência entranhada. Neste contexto, ela pode ser compreendida como uma linguagem simbólica onde o homem constrói a sua própria realidade. A obra de arte é considerada por Gaston Bachelard (1989) um subproduto “do existencialismo do ser imaginante” (BACHELARD, 1989, p. 317). A arte expressa “os movimentos da alma humana em toda a sua profundidade e variedade” (CASSIRER, 2004, p. 244). A arte, do mesmo modo que o mito, a religião e a linguagem é um dos meios que “levam a uma visão objetiva das coisas e da vida humana” (CASSIRER, 1994, p. 234). Assim, podemos compreender a arte como “uma descoberta da realidade” (CASSIRER, 1994, p. 234), concreta, visível.

A linguagem, - outro pilar do universo simbólico -, situa-se, por sua vez, entre a pessoa humana e as coisas. A linguagem, em Cassirer (1994), parece vir do anseio da pessoa humana pelo *compartilhar*. Heidegger (2003) compactua com o pensamento de Cassirer quando comenta que a

<sup>4</sup> Para o filósofo grego Epicuro (341-270. a.C), havia uma inquietação: como se manter sereno, feliz, sem sofrimentos? Para se manter feliz diante das crises que nos aparecem, é preciso manter a afetividade entre os amigos vivendo de uma forma simples. Para o filósofo, as condições necessárias para se alcançar a felicidade são: a amizade, a natureza e uma vida simples. É notória a relação necessária entre felicidade e tranquilidade - “hedoné”.

linguagem “(...) é a expressão humana de movimentos interiores da alma e da visão de mundo que os acompanha” (HEIDEGGER, 2003, p. 14). A expressão – em palavra, gesto ou olhar – seria, nesses termos, o suspiro súbito do *ser* na esperança de ser partilhado.

Mito e religião, entretanto, seriam aqueles elos do Círculo Simbólico encarregados de lidar com aqueles que se mostram como os mais “pesados” dos elementos: a origem e a morte. Enquanto a religião se incumbem de tratar os preceitos do *post mortem* (pós-morte, âmbito da alma), o mito parece preocupar-se, em maior grau, com as origens, as cosmogonias. Cassirer (1994) comenta que a religião, tanto quanto a arte, é forma simbólica de conhecimento e tornam real o mundo pela experiência. Na religião, a relação com o divino é moral, ligada ao *ser* do homem. São Tomás de Aquino, na Suma Teológica, esclarece que o homem é um ser que não está pronto; está sempre se construindo. O *ser* do homem, neste sentido, se refere não só ao espírito, como também à alma e ao corpo. Se no homem são encontradas todas as coisas, se o conhecermos estaremos conhecendo o cosmo (AQUINO, 2001).

A religião se manifesta em sua individualidade enquanto o mito se caracteriza por ser um elo coletivo. E, ainda, a religião explica suas crenças apoiada na razão e o mito, por sua vez, utiliza a emoção para esclarecer suas crenças. O mito é real porque se torna uma tentativa de explicar a realidade – que é diversificada – através do sagrado. Mircea Eliade (1991) faz uma alusão à geografia mítica em *Imagens e Símbolos* referindo-se ao espaço sagrado como o espaço real. O mito consiste “muito mais em ações que em simples imagens ou representações” (CASSIRER, 1994, p. 132). No mito, o homem se relaciona com a natureza como se fosse um único organismo; ele conta uma história sagrada; ele revela uma sacralidade.

O antropólogo britânico Edward Burnett Tylor foi responsável por introduzir o termo *animismo* como o primeiro estágio de desenvolvimento das religiões: para o homem primitivo, os seres guardam em si algo transcendental, a alma (do latim *anima*) e, essa crença não só explicaria o culto aos mortos e dos antepassados, mas também o nascimento dos deuses. Para Eliade (1992, p. 42) é o mito, por outro lado, que “revela como uma realidade veio à existência”. Nesse universo, as “coisas” abandonam seu sentido essencial e admitem um sentido construído, preferido - a *imagem*. “Em vez de lidar com as próprias coisas o homem está, de certo modo, conversando constantemente consigo mesmo”, prossegue Cassirer (1994):

Mesmo na prática, o homem não vive em um mundo de fatos nus e crus, ou segundo suas necessidades e desejos imediatos. Vive antes em meio a emoções imaginárias, com esperanças e temores, ilusões e desilusões, em suas fantasias e sonhos. ‘O que perturba e assusta o homem’, disse Epíteto, ‘não são as coisas, mas suas opiniões e fantasias sobre as coisas’ (CASSIRER, 1994, p. 96).





Seguindo a trilha pelo pensamento de Cassirer (1994), as nuvens não precisam ser só nuvens, aglomerado de gotas diminutas de água ou de cristais de gelo em suspensão no ar, podem ser redemoinhos do tempo transportando algum viajante curioso de outra época. Ah! E, sem dúvida, as nuvens em André do Mato Dentro são redemoinhos do tempo. Se Dom Quixote acredita na monstruosidade dos moinhos de vento, se Monteiro Lobato fez boneca falar, espiga de milho virar cientista, por que não posso *fazer de conta* que nuvens escondem por entre aerossóis e gotículas de água viajantes do tempo, pequenos príncipes e bichos que, vez ou outra, ousam doar suas formas às próprias nuvens? Como lembra Barros (2003): “porque a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lembranças, é botando enchimento nas palavras. É botando apelidos, contando lorotas. É, enfim, através das vadias palavras, ir alargando os nossos limites” (BARROS, 2003, p. 15).

Dar a um córrego o nome de mulher (Maria Casimira, o córrego principal de André do Mato Dentro); reservar funções de cura às folhas de funcho e tanchagem – comumente conhecido como transsagem, cujo nome científico é *Plantago Major* -; atribuir ao vento, à água e ao musgo valores de sobrevivência material e imaterial, sim! Sem dúvida aquelas gentes de André do Mato Dentro alargam limites. E não são só as “vadias palavras” que alargam limites no povoado; os pés e os olhos também o fazem: até onde vai o quintal ali? De qual quintal estamos falando?

Vejamos a origem da palavra quintal. No dicionário Lello Universal, o termo quintal está relacionado ao latim *ãquintanale*, cujo significado é pequeno terreno com jardim ou horta, junto a uma casa de habitação. O dicionário Aurélio, por sua vez, possui a mesma definição, porém acrescida de “atrás da casa”. A própria etimologia da palavra quintal atribui um sentido de produção rural, ainda que em micro escala.

Durante o Brasil Colônia e ainda no século XIX, o quintal se fazia presente nas residências, independentemente de classe social, localização na cidade ou no rural ou região geográfica. O quintal era ocupado por pequenas construções ligadas ao abastecimento alimentar tais como o galinheiro, uma pequena pocilga e ainda, a instalações sanitárias, dentre elas, a fossa. Por isso, os quintais consistiam em um espaço de domínio privado, “em princípio, espaços velados, escondidos da vista da rua” (SILVA, 2004, p. 67).

Lugares de pomares e de hortas, de ervas para temperos e medicinais, de galinheiros e chiqueiros, os quintais se transformam em espaços de trocas, de confidências, de lamentos e celebrações.

Na atualidade, o *quintal-entre-muros*, o do âmbito urbano, compreende, geralmente, a garagem e os espaços fragmentados – lados, frente e parte de trás da casa –; afinal, a alta densidade demográfica das cidades não permite extravagâncias. Ali, a “cerca” existe, e é feita de concreto.

Em contrapartida, o *quintal-entre-ventos*, esse que trato aqui, do âmbito rural de André do Mato Dentro, compreende o universo familiar sim, contorna a morada sim, mas se alarga, escorrega para além das cercas de arame, avança pela serra, pela Igreja, pela escola, acompanha as águas, os zunidos, os gorjeios. É nesse alargar de limites, nesse extrapolar de cercas que nos debruçamos adiante a fim de (re)desenhar o sentido de quintal no contexto da comunidade.

## 2 EXCEDENDO OS LIMITES DA MORADA

Os preceitos acadêmicos relativos ao trabalho de campo ditam organização e preparação prévia e, o maior símbolo de todo esse “apego ao previsível” talvez resida na prática do pré-campo. Um levantamento geral sobre os elementos físicos e socioculturais da chamada área de estudo. Conhece-se substrato (solos, litologia e topografia), interface (uso e ocupação do solo) e dinâmica climática. O homem entra como componente da interface sob a forma de principais atividades econômicas, “desenvolvimento” socioeconômico, dinâmica demográfica, dentre outros fatores. Vai-se à campo carregado de tais elementos, de tais características; qualquer percepção em campo que fuja da expectativa torna-se um problema, um erro.

Contudo, toda a bagagem de “prés” (pré-campo, pretensões, preconceitos) que levamos para André do Mato Dentro foi deixada aos poucos pelo caminho, pela trilha estreita no meio do mato que se distanciava cada vez mais da casa – para nos mostrar, afinal, que o quintal lá é mais largo do que esperávamos. À medida que o quintal se alargava, ficávamos cada vez mais deliciosamente perdidas, desconstruídas. A pesquisa tomou novo corpo, novo significado, adquiriu propriedades de massinha de modelar e, as mãos assumiram, enfim, contornos infantis. Agora sim, estávamos prontas para acompanhar a fluidez da pesquisa. A “área de estudo” podia se mostrar, então, como era de fato e, não como eu a planejava. Demos abertura para o fenômeno poder se revelar.

A aproximação por meio da experiência de campo lançou luz sobre o paralelismo entre as noções de *lar* e o sentido de quintal no ecúmeno estudado – os dois parecem nutrir uma relação de causa e efeito. Nesse âmbito, o quintal incorpora as seguintes feições: *quintal-casa*, *quintal-comunidade* e *quintal-mata*. As conversas e observações revelaram que nosso objeto de estudo não se restringe apenas aos limites da casa, não admite o conceito do quintal convencional, aquele que abrange a horta, o pomar ou o galinheiro: os quintais de André do Mato Dentro extrapolam as





cercas de arame e confundem-se com a Mata Atlântica, a Floresta Estacional Semidecidual que envolve o povoado, assim como engloba o sentido de comunidade impregnado nas estruturas físicas (a Igreja, a escola, a quadra e o bar) e sociais (laços de parentesco e amizade; demandas associadas à segurança, à educação e à história locais).

O *quintal-mata* compreende os ruídos da água; o barulho da fauna (principalmente o zunir das abelhas, considerando a importância da apicultura como atividade econômica para a comunidade), os espíritos da mata (lendas e mitos) e as vozes do campo rupestre – uma alusão ao musgo colhido para complementar a renda de alguns moradores. O *quintal-casa* e a mulher enquanto protagonista da manutenção da identidade local e dispersora de sabores e saberes: alimentação como meio de ligação com a Terra e matos que curam - o mítico e o místico. E, por conseguinte, as demandas da comunidade (sombras de uma ordem vasta que ameaça as cristas e cabeceiras que abraçam o cotidiano e a história local) sob o olhar do *quintal-comunidade*.

Nesse sentido, o quintal em André do Mato Dentro supera a concepção usual de extensão da casa enquanto estrutura para comportar o contexto do *lar* e sua força simbólica. Assim, o *lar* em André encerra as paredes, portas e janelas das moradias, mas também compreende o Córrego Casimira, as cristas da Serra, as nascentes, a fauna e a flora local, com seus tons, sons e cheiros. Ora, o *ser-que-mora* na comunidade não reduz seu cotidiano às paredes da casa ou às paredes do ambiente de trabalho – como é comum na realidade urbana. Morar e trabalhar esbarram-se no mesmo cenário de vivência. O musgo é coletado no alto da serra, mas é separado e deixado para secar no quintal, ao lado do galinheiro, perto da varanda e do varal. Em cada morada, no mínimo duas nascentes não os deixam esquecer um minuto sequer da primazia do “todo” – casa, quintal, serra, homem, topografia, solos, todos interligados por fios invisíveis de dependência fisiológica e simbólica. A água sente-se à vontade para exfiltrar porque encontra o declive ideal, o solo propício, a vegetação mantenedora, mas, acima de tudo, o quintal - esse micro sistema livre da impermeabilização do concreto ou do pavimento.

### 3 QUINTAL-MATA: ATÉ ONDE OS OLHOS (D’ALMA) ALCANÇAM

O domínio do *quintal-mata* pode ser o mais “barulhento” no que se refere à influência na rotina local, assim como no processo de construção da identidade do povoado. Ora, a mata é símbolo do “grande”, da Floresta Estacional Semidecidual que se alastra por vales – formando galerias por sobre os córregos – e cristas. É na mata que as abelhas zunem e produzem o mel -uma

das principais fontes de renda; é na mata que as nascentes encontram as condições ideais de umidade, temperatura e pressão para exfiltrar as águas subterrâneas.

A mesma água que corre na bica do quintal atrás da casa da senhorinha e do senhor da casinha da esquina, é a mesma água subterrânea que um dia encontrou o momento certo para emergir através da serrapilheira e da vegetação rasteira dos estratos inferiores da mata. Abarcar, talvez seja esse o verbo que melhor descreva a interface de contato entre os seres “morantes” do povoado de André do Mato Dentro e a mata (Figura 2). Abarcar, ou seja, envolver com os abraços, guardar em um único abraço aquilo que lhe é caro, desejado. Do mirante de onde a imagem da figura 2 foi capturada, nossos olhos não enxergaram outro gesto, da Serra para com a comunidade, se não esse – do abraço, do afago.

**Figura 2:** Comunidade de André do Mato Dentro abarcada pelo *quintal-mata*



**Fonte:** Arquivo pessoal

Não que a mata permaneça intocada como em uma grande redoma, mas, agora, não assume o simples papel de recurso. A extração de lenha, de musgo e demais produtos da mata fazem parte



da reprodução social do povoado enquanto comunidade tradicional<sup>5</sup>. Como Diegues (2000) discorre a seguir:

Para as sociedades tradicionais camponesas, o território tem dimensões mais definidas [...]. Algumas dessas sociedades se reproduzem, explorando uma multiplicidade de habitats: a floresta, os estuários, mangues e as áreas transformadas para fins agrícolas. A exploração desses habitats diversos exige não só um conhecimento aprofundado dos recursos naturais, das épocas de reprodução das espécies, mas a utilização de um calendário complexo dentro do qual se ajustam, com maior ou menos integração, os diversos usos dos ecossistemas (DIEGUES, 2000, p. 50).

Obedecer ao ritmo da mata ao ponto de respeitá-lo em favor da própria sobrevivência; é o que fazem esses indivíduos que coletam o musgo, bebem da água das cabeceiras e promovem a dança das abelhas e do mel. Mas, até que ponto essas atividades, essa rotina permanece no plano do real, do concreto? Há abstração gerada pela mata barulhenta? Ora,

a consciência dispõe de duas maneiras de representar o mundo. Uma, direta, na qual a própria coisa parece estar na mente, como na percepção ou na simples sensação. A outra indireta, quando, por qualquer razão, o objeto não pode apresentar-se à sensibilidade 'em carne e osso, como, por exemplo, nas lembranças da nossa infância, na imaginação das paisagens do planeta Marte. Em todos esses casos de consciência indireta, o objeto ausente é representado à consciência por uma imagem, no sentido amplo do termo (DURAND, 1993, p. 12).

Quando indagados sobre a importância da água, dos bichos, das flores e frutos, respondem com “despalavras” – Manuel de Barros –, com miudezas, com imagens: “A água é vida, né?”; “o rio era bravo, subia até aqui na casa, hoje em dia ele não faz isso mais; acalmou”. A construção do *lugar* em imagens vai além – alcança o mito. “Nesse sentido, a representação do mundo selvagem, do mundo natural, não pode ser apreendida totalmente, se não se recorrer às representações, às imagens e ao pensamento mítico” (DIEGUES, 2000, p. 55). Emergem, assim, vozes e espíritos da floresta, protetores, raivosos, amores, sempre refletindo o comportamento próprio do homem.

Afinal, “o pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado; ela é consubstancial ao ser humano; precede a linguagem e a razão discursiva” (ELIADE, 1991, p. 10). Nesse aspecto, o quintal-mata penetra o reino das imagens – construídas pelos “morantes” locais, esses que o comem, cheiram e percorrem suas trilhas.

<sup>5</sup> De acordo com o Decreto nº 6.040, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades, comunidades tradicionais são “os grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”.



#### 4 O ALÍVIO REENTRANTE DA EXPIRAÇÃO

A imaginação e o simbolismo na modernidade são “inúteis” aos olhos do lucro e da razão instrumental. Afinal, para que serve a imaginação se a indústria da cultura já oferece seus objetos “esquemáticos” prontos para consumo? O que resta ao indivíduo é a passividade: passar a vida sentado em uma cadeira de escritório, ônibus, carro e, finalmente, no sofá de casa usufruindo dos bens duráveis e não duráveis que adquiriu graças aos “assentos anteriores”, em frente a uma caixa propagadora de formas de consumir, concebida comumente como televisão – de plasma e de “não sei quantas” polegadas, é claro.

Nesse enredo, o indivíduo se constitui cada vez menos em indivíduo para se reconstruir cada vez mais em componente de uma massa homogênea guiada pela falsa ideia do movimento, do desenvolvimento, da própria história. Há um movimento, sim, mas apático às significações humanas e empático ao bom funcionamento do sistema-mundo moderno e de suas tecnologias, indústrias e capital mantenedores.

Há lugar (enquanto categoria geográfica) para o espírito, para o bucólico? Para o “demorar-se” – nos pensamentos, ideias e devaneios? Estradas pavimentadas, avenidas sanitárias e seus rios canalizados ou trens-bala são capazes de transportar espíritos imaginativos? Qual a utilidade de todo esse desenvolvimento para a complexidade do ser? Todas essas indagações prestam-se a lembrar que a pesquisa não é feita necessariamente de respostas ou “resultados finais”: o que de fato a move é a inquietude reentrante que os fenômenos da realidade provocam nas prateleiras das ideologias arraigadas.

Destarte, como exposto no mapa da comunidade (Figura 1) – produto da experiência de campo e do processo imaginativo aqui empreendido – a disposição das casas e das atividades remete ao cotidiano quase primitivo de valorização do bucólico. A ideia de quintal, então, se viu implodida para, em seguida, explodir seus estilhaços para além das cercas de arame ou de madeira; alçaram voo em direção aos [não] limites do mundo simbólico edificado.

Logo depois da encruzilhada principal (Figura 1) – a que sustenta a placa de Bem Vindo a André do Mato Dentro – um casal de jovens habita as paredes, portões e plantas feitoras de *lar*. Escolheram *permanecer*. A sala da casa, repleta de porta-retratos do casal, da família, os sofás dispostos um de frente para o outro, tapetes e um diploma emoldurado na parede da jovem que recentemente concluíra o ensino médio com muito orgulho.

Ali, em um dos sofás, deixaram escapar nas entrelinhas da fala o porquê da permanência:





Aqui eu cresci com meus irmãos, a gente andava nisso tudo. Brincava. Capinava mato. Meus irmãos foram embora daqui, eu fiquei porque não consigo me acostumar em outro lugar, trabalho em Barão de Cocais, vou e volto pra cá todo dia. Com a moto fica mais fácil agora. Lá é bom, mas não passa rio atrás da casa (O jovem que *permaneceu*).

Minha família é da Bahia. Vim pra Minas Gerais e conheci ele. Ele me trouxe pra cá. Gostei demais, mas não quis parar de estudar. Estudei e formei. Hoje faço meus artesanatos, cuido da casa, da horta, vou à missa. Esse ano o milho demorou pra crescer, acho que é porque a chuva atrasou (A jovem que *permaneceu*).

O gosto do ordinário! A novidade capturada no “mais do mesmo”, daí que brota e se mantém o *permanecer*. O contato com o contexto externo da razão instrumental metropolitana existe sim, invade e pressiona, mas o encantamento pelos movimentos identitários do cotidiano parecem nutrir a escolha de ficar e continuar a construir – novas e velhas vivências. Daqui vem o impulso do *ficar*, do *permanecer*, e, por que não dizer, do *resistir*. Um corpo impregnado por imagens não consegue se afastar da fonte de recordações e, por sua vez, de símbolos identitários.

## REFERÊNCIAS

AGUILAR, B. F. et al. Análise da paisagem a partir da estratificação ambiental: estudo da bacia do córrego Maria Casimira – André do Mato Dentro/MG. **Revista Geonorte**, Edição Especial, v. 3, n. 4, p. 518-529, 2012.

ALMEIDA, M. G. de. Mulheres rurais - a descoberta e conquista da cidadania pela valorização dos quintais. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, Ano XXVII, n. 2, p. 138-161, jul./dez. 2016.

AQUINO, TOMÁS De. Tradução Aimon-Marie Roguet *et al.* **Suma Teológica**, v. I. São Paulo: Loyola, 2001.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_ **A casa. Do porão ao sótão. O sentido da Cabana**. In: Gaston BACHELARD. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARROS, Manoel de. **O fazedor de amanhecer**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio Sobre o Homem**: uma introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Coleção Tópicos).

BARROS, Manoel de. **Ensaio fotográficos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas. O pensamento mítico**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

- Dicionário **Priberam** da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/chave> [consultado em 21-10-2015].
- DIEGUES, Antônio Carlos. O mito moderno da natureza intocada. 3ª ed. São Paulo: Hucitec/Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileira. USP. 2000.
- DURAND, G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- EISLER, R. **O Cálice e a Espada, nossa história, nosso futuro**. Palas Athena: Rio de Janeiro, 2008.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução de Sônia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- EPICURO, **Carta a Meneceu**. Tradução Álvaro Lorencini e Enzo Dell Carratore. São Paulo: Unesp, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, ano II, nº 3, jul./dez. 1997.
- JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MARANDOLA, Eduardo Jr. Saberes dos corpos alimentados: ensaio de geografia hedonista. **Revista geograficidade**. v. 4. Edição especial. Outono 2014.
- MATOS, Olgária. Modernidade: o deslimate da razão e o esgotamento ético. In: NOVAES, Adauto. **A experiência do pensamento**. São Paulo: Edições SESC-SP, 2010. p. 157-176.
- MIRCEA, Eliade. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes, São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- PADUA, Leticia C. T. A Geografia de Yi-Fu Tuan: essências e permanências. **Tese de Doutorado**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. São Paulo, 2013.
- SILVA, Luís Octávio da. Os quintais e a morada brasileira. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 61-78, dez. 2004.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.
- TYLOR, E. B. **Primitive culture**: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom, vol. 1. London: John Murray, Albemarle Street, W. 1920.





WHITEHEAD, Alfred North. **O conceito de natureza**. Tradução Júlio B. Fisher. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Recebido em 19 de março de 2018  
Aprovado em 21 de abril de 2018

